

Planos incluem apoio da Rússia e da Ucrânia

O presidente da Agência Espacial Brasileira (AEB), Luiz Bevilacqua, disse que a proposta russa de cooperação para o desenvolvimento de uma nova família de lançadores no país está mais orientada para a venda de tecnologia do que propriamente transferência e desenvolvimento conjunto. "Este é o sinal que eu tenho tido do lado russo. A proposta dos ucranianos, por outro lado, nos parece a mais eficaz de todas. É simplesmente desenvolvimento conjunto, com total abertura de propriedade", afirmou.

Em relação ao quarto protótipo do VLS, no entanto, já existe uma decisão tomada. O governo disponibilizou uma verba de US\$ 1 milhão para retomar e aperfeiçoar o desenvolvimento do foguete com a ajuda dos russos. Os recursos, de acordo com o Comandante da Aeronáutica, brigadeiro Luiz Carlos da Silva Bueno, também serão usados para a reconstrução da torre de lançamento em Alcântara, destruída com o incêndio do foguete no ano passado.

"Vários serviços na área de projeto, fornecimento de equipamentos e procedimentos de segurança para o quarto VLS estão sendo contratados da Rússia. O Ministério da Defesa propôs que os russos ajudassem nessas melhorias e nós também concordamos", disse Bevilacqua. "O acordo com a Ucrânia envolvendo a exploração comercial de Alcântara e o uso do foguete Cyclone está de pé e não tem nada a ver com o VLS", disse o ministro José Viegas.

Sobre possíveis divergências de posição entre o Ministério e a AEB no que se refere à escolha do melhor parceiro para o novo programa de lançadores, Viegas foi categórico. "O MD não tem conflito com ninguém. O que existe é um perfeito entendimento com o Ministério da Ciência e Tecnologia a esse respeito", disse. No caso da Ucrânia, diz Bevilacqua, já existe um avanço que é a assinatura de um acordo de salvaguardas tecnológicas aprovado pelo Congresso em setembro de 2003. O acordo viabiliza a formação de uma joint venture entre empresas ucranianas e a Infraero para a exploração comercial de Alcântara pelo foguete ucraniano Cyclone 4.

Além desse acordo, também foi assinado com a Ucrânia um memorando de cooperação científica e tecnológica que prevê a participação brasileira no desenvolvimento do terceiro estágio do Cyclone. A Ucrânia não tem centro de lançamento e o Brasil não tem lançadores do porte do Cyclone.

"Além de ganhar dinheiro com os lançamentos em Alcântara, o Brasil daria um impulso grande à região e ao seu programa de foguetes", disse. A estimativa da AEB é de que a amortização dos investimentos previstos em Alcântara seja garantida em seis anos, com uma média de seis lançamentos por ano. Serão investidos US\$ 50 milhões pelo governo brasileiro e mais US\$ 50 milhões pela Ucrânia em cinco anos.

(V.S.)